Oitentena: brincando de salvar o mundo do coronavírus

Cláudia Inês Horn[52]
Morgana Domênica Hattge[53]
Suzana Feldens Schwertner[54]
Universidade do Vale do Taquari

Como é que se brinca quando o assunto é pandemia? Será possível brincar se o coronavírus nos ronda, impedindo que possamos nos encontrar, ir à escola, passear, visitar a avó!? Quem sabe, conseguimos brincar de brigar com esse vírus, inventando vacinas, criando superpoderes, buscando baldes gigantes com água e sabão? Pois foram essas e outras tantas ideias que surgiram a partir do projeto *Oitentena*.

A partir de maio de 2020, crianças de dois a doze anos foram convidadas a compartilhar suas ideias, angústias, percepções e criações durante o período de pandemia. Os sonhos, por exemplo, podem nos mostrar que há uma vontade imensa de que tudo isso acabe o quanto antes, como nos conta a Alice, de seis anos: "Mamis, sonhei que tu tinha dito que amanhã ia acabar o coronavírus!".

[52]Docente dos Cursos de Licenciaturas da Universidade do Vale do Taquari – Univates, Doutora em Educação/Unisinos. E-mail: cihorn@univates.br

[53]Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Docente do curso de Pedagogia – Univates, Doutora/Unisinos. E-mail: mdhattge@univates.br.

[54]Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates. Docente do curso de Psicologia – Univates, Doutora/UFRGS. E-mail: suzifs@univates.br

Foi com o propósito de abrir espaço às produções das crianças em meio à pandemia que um grupo de pesquisadoras da área da Educação[55] organizou o projeto de pesquisa intitulado *"Oitentena: crianças e criações"*, vinculado ao Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/ Univates/CNPq) da Universidade do Vale do Taquari – Univates. Inspiradas em trabalhos realizados conjuntamente com orientandas e orientandos do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates (MACHADO; SCHWERTNER, 2020) e com acadêmicos dos cursos de Psicologia e Pedagogia (JUNGES; SCHWERTNER, 2017; KERBER; SCHWERTNER, 2018; KLEIN, 2019; FERREIRA, 2020), seguimos escutando e pesquisando com crianças, encantando-nos com as surpresas daquelas que encontram "tudo em nada" (POSTERNAK, 2013). Inversamente, como destaca o autor, os adultos seriam aqueles que encontram "nada em tudo". Os adultos podem aprender mais com as crianças; aprender a olhar, a escutar, a brincar, a interagir e a envolver-se com elas, num exercício contínuo de questionamento sobre aquilo que se pensa e que se fala sobre elas (HORN, 2013, p. 17). Buscamos, assim, inspiração nas crianças para seguir escrevendo, pesquisando e estudando.

O título do projeto surge da inquietação de uma criança, o Bento, de sete anos, no início de maio de 2020, após termos passado por mais de cinquenta dias em isolamento social; segundo ele, "Quarentena já era! Agora já é oitentena!". A mãe, atenta a essa manifestação, registrou a fala que se tornou o mote do nosso trabalho de compilação de múltiplas sugestões que as crianças indicam: desde vacinas, remédios, brincadeiras e invenções de cura até sensações de tristeza e medo, que acompanham esse

[55]Grupo composto por Cláudia Inês Horn, Jordana Reckziegel, Morgana Domênica Hattge, Niqueli Streck Machado, Roberta Acorsi e Suzana Feldens Schwertner.

tempo de pandemia. Junto ao nome, Bento também criou uma imagem, que segue como o símbolo do Oitentena:



Para que possamos organizar esse acervo, contamos com a escuta sensível dos adultos (pais, mães, professores e professoras, avós, dindos e dindas e tantos outros responsáveis) que percebem o que as crianças têm a nos contar e possibilitam escuta de qualidade a elas. A escuta à qual estamos nos referindo está fundamentada naquilo que defende Barbier (1993) ao apresentar o vocabulário "escuta sensível". Tal escuta está apoiada na totalidade complexa das pessoas, e envolve a sensibilidade de entrar numa relação com a totalidade do outro. O autor afirma que essa escuta não busca julgamentos, comparações, mas sim a compreensão do outro.

Diante deste contexto, nosso coletivo abraçou a proposta de registrar as manifestações das crianças, mostrando o quanto de potência, de criação e de vida há nisso tudo. Por meio de uma página do Instagram, e partindo de um cuidadoso processo de edição de imagem, as manifestações são armazenadas e visualizadas.

As falas das crianças, seus depoimentos, desenhos e demais produções são mantidas na sua integralidade, ou seja, na versão original de cada criança[56]. O adulto que compartilha conosco tais produções serviu como aquele que procura visibilizar e potencializar

as manifestações das crianças. Pequenos ajustes na escrita são feitos, para então fazer circular no Instagram.

Somado a isso, optamos por nomear as crianças, indicando seu primeiro nome e a sua idade, resguardando algumas questões confidenciais, que poderiam expô-las. Assim, entendemos a criança como autora daquilo que produz – "a criança sendo criança" e significando sua vida, suas relações, seus anseios e esperanças em meio a estes tempos tão incertos. Em relação à identificação de cada uma delas, compactuamos com Kramer (2002), quando afirma que o anonimato tem seu lado positivo somente quando protege as crianças em casos específicos (violência da família frente aos seus relatos, relações conflituosas entre professor e aluno, exposição negativa das instituições na qual elas se encontram). A autora chama a atenção para a contradição entre ressaltar as crianças como atores sociais, produtores de cultura, e, ao mesmo tempo, manter sua autoria negada ou escondida.

No exemplo a seguir, apresentamos o desabafo da Júlia, de cinco anos:



[56]Fica aqui nosso convite para que mais famílias contribuam para ampliar o acervo dessas manifestações infantis, análises deste momento ímpar na nossa história recente pelo olhar das crianças. Narrativas podem ser encaminhadas para o e-mail oitentena@gmail.com.

Se esse coronavírus é um "atrasão", que tal aproveitar esse tempo para brincar a partir de tudo o que está acontecendo? Brincar de acabar com o coronavírus: é com esse olhar que selecionamos algumas manifestações para pensar em conjunto sobre possibilidades em tempos tão sombrios.

Uma manifestação de certa forma recorrente é a utilização de superpoderes no combate ao vírus. As crianças, atentas à ameaça, buscam modos de minimizá-lo, como podemos ver nas publicações abaixo:



As falas destacadas acima mostram o quanto as crianças elaboram sentidos para o mundo e para suas experiências; sentidos diferentes do que os adultos produzem – e isso ficou visível em tempos de pandemia. Tal como nos mostra a antropóloga Clarice Cohn, "[...] a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa" (COHN, 2005, p. 33).

Miguel convoca amigos do cotidiano e imaginários (e não menos reais por serem frutos de sua imaginação) para ajudar no

combate ao inimigo. Juntos, colegas e personagens entram em ação com a finalidade de "mandar esse vírus embora":

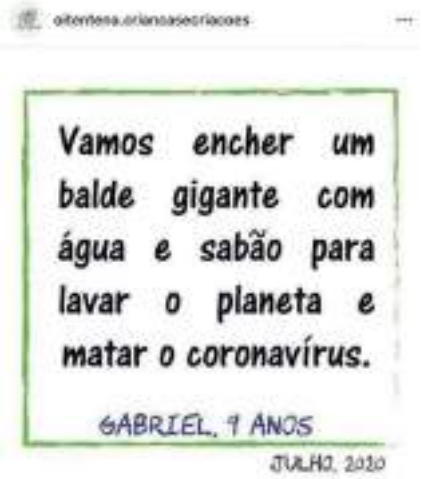


Outros pedem ajuda para a mãe e lembram até mesmo de músicas para criar situações que eliminem o coronavírus:



Interessante notar como a temática da morte atravessa as brincadeiras o tempo todo. Opa, mas será esse um assunto "de criança"? Será esse um tema com o qual se brinca? Certamente sim, e seguimos apostando na ideia de que, quanto mais pudermos falar

sobre essa temática, melhor poderemos aproximar adultos e crianças de assuntos considerados difíceis de abordar – e, ao mesmo tempo, muito importantes, pois são inquietantes e fonte de curiosidade. Falar sobre a morte para crianças significa levá-las em consideração no grupo ao qual elas pertencem, discutindo sobre uma realidade que também é sua (POSTERNAK, 2013). Abrir espaço para elas falarem sobre o coronavírus e a situação que todos vivenciamos nesse 2020 tão diferente é ampliar o olhar para também falar sobre dor, morte e sofrimento – sentimentos que precisam de tempo e espaço para serem elaborados. Quer melhor oportunidade para essa elaboração do que o brincar?



Outra questão que podemos sublinhar é a atenção dada pelas crianças às medidas de combate ao coronavírus indicadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em suas brincadeiras, é recorrente a menção ao uso de álcool em gel, máscaras, água e sabão. São medidas amplamente divulgadas e até mesmo questionadas por parte da população; contudo, pelas crianças já estão assimiladas como sendo "da ordem do dia".

Ainda, há uma constante busca da cura, de um remédio capaz de nos livrar de vez das tantas consequências que vivemos desde a entrada da pandemia da Covid-19 em nossas vidas. Junto a cientistas de todo o mundo, as crianças também anseiam por ela. E produzem soluções nas brincadeiras:



As crianças nos deliciam ao entrar e sair do mundo da brincadeira, levando o coronavírus para lá, ao mesmo tempo em que dali ele pode sumir; investindo naquilo que apenas o brincar permite: no universo lúdico. Afinal de contas, o coronavírus pode não existir:



Por fim, vale relembrar a pergunta frequentemente apresentada por Tonucci (2005): o que se poderia fazer ouvindo as crianças? Tal questão, neste tempo pandêmico, torna-se ainda mais relevante. As contribuições que as crianças têm a nos dar, na medida em que consideramos seus pontos de vista com respeito, são fundamentais para compreenderem melhor a si mesmos e o mundo no qual vivemos.

Referências

BARBIER, René. **A escuta sensível em educação.** Cadernos Anped, Porto Alegre, nº 5, p. 187-286, 1993.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HORN, Cláudia Inês. **Pesquisa etnográfica com crianças:** algumas possibilidades de investigação. Revista Enfoques, vol. 13, nº 1, p. 1-19, dez. 2013.

FERREIRA, Caroline da Silva. **A avaliação escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental pelo olhar das crianças.** Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia. Lajeado: Univates, 2020, 95p.

JUNGES, Rafaela; SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Meninos que brincam com bonecas viram meninas?** Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos. Perspectiva, vol. 35, nº1, p. 262-282, 2017.

KLEIN, Andressa Lana. **Atividades formais de alfabetização na pré-escola:** o olhar das crianças. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia. Lajeado: Univates, 2019, 76p.

KERBER, Mariana; SCHWERTNER, Suzana Feldens. **A criança espera?** O Espaço Conviver como dispositivo de cuidado. CES Revista, vol. 32, nº 2, p. 47-71, dez. 2018.

KRAMER, Sonia (org.). **Autoria e autorização:** questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.116, p.41-59, jul. 2002.

MACHADO, Diana; SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Com olhos e vozes de crianças:** possibilidade de pesquisa na Educação Infantil. Research, Society and Development, vol. 9, nº1, 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1558.

POSTERNAK, Leonardo. **O direito à verdade -** Cartas para uma criança. São Paulo: Primavera Editorial, 2013.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem:** agora chega! POA: Artmed, 2005.